

MÚSICAS DE PROTESTO E PROPAGANDAS GOVERNAMENTAIS: IMAGENS E MÚSICAS DA DITADURA MILITAR NO ENSINO DE HISTÓRIA

Geane Lima de Sousa¹
Jaqueline Oliveira de Araújo¹

RESUMO

O presente estudo trata de uma análise do trabalho docente realizado por professores da Escola Estadual Severino Cabral, em Campina Grande-PB. Utilizando como fonte o uso de imagens e músicas produzidas durante o período militar, o artigo analisa como esses recursos podem ser utilizados em aula como material didático. Foram escolhidas músicas de protesto ao regime e propagandas que enaltecem tal governo, apontando várias abordagens sobre o mesmo episódio histórico. Por meio da análise dessas músicas e imagens, o objetivo é possibilitar aos alunos a construção de uma análise crítica a esse tipo de literatura, pouco utilizada na educação básica. O ensino permite que sejam utilizados outros recursos metodológicos a fim de possibilitar novos meios de entendimento do assunto. A metodologia utilizada na escola para abordagem das imagens de propaganda e músicas durante o regime foi através do uso do livro didático “Oficina de História”, dos autores Flávio de Campos e Regina Claro e de pesquisas realizadas pelos alunos. Os mesmos analisaram canções de grandes personalidades brasileiras, como Caetano Veloso, Geraldo Vandré e Raul Seixas. Através da análise de imagens e músicas que foram produzidas no período da ditadura militar no Brasil, foi possível problematizar com os alunos a relevância de se pesquisar acerca do contexto histórico em que uma música foi produzida e a mensagem proposta pelo seu compositor. Além disso, as imagens utilizadas permitiram a construção de uma ilustração visual do assunto, fugindo da perspectiva de trabalhar apenas com teorias históricas. Dessa forma, além do ensino de história, a oficina pôde proporcionar um reforço preparatório para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), formando um senso crítico necessário para a realização da prova.

Palavras-chave: ditadura militar, imagens, músicas.

INTRODUÇÃO

A Ditadura Militar ocorrida entre 1964 e 1985 foi um momento que transformou a história do Brasil e um episódio que marcou direta e indiretamente a vida de todos os brasileiros até mesmo aqueles que não vivenciaram a Ditadura propriamente dita. Ela trata de um assunto que nunca saiu de cena e muitas vezes é mal compreendida pela sociedade e que no momento atual, não só nós como professores, mas também toda a sociedade tem uma grande vantagem em apresentar e em compreender os verdadeiros fatos que formularam esse episódio. Através de diversos meios podemos abordar o ensino da Ditadura Militar de forma mais compreensível, como por exemplo, através do uso de imagens e músicas que ao longo do tempo têm nos mostrado que são muito importantes para serem utilizadas como material didático em sala de aula e que possibilitam uma nova abordagem do assunto proposto.

O presente trabalho tem como motivação os resultados das atividades que foram realizadas pelos professores da Escola Severino Cabral em Campina Grande, PB, utilizando as publicidades visuais disciplinadoras do Regime Militar e as resistências nas composições musicais que possibilitaram aos alunos uma nova leitura sobre esse acontecimento, tornando-o mais real, mais próximo deles, e também despertando um posicionamento crítico, por meio

¹ Graduandas em licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Bolsistas PIBID-História/UFCG sob orientação de Eronides Câmara de Araújo, coordenadora do Subprojeto.

do uso do livro didático “Oficina de História” da Editora Leya, utilizado pela escola, bem como pela análise de músicas de personalidades que viveram tal momento dramático do país.

CONTEXTO HISTÓRICO

O período entre 1964 e 1985 marca uma época brasileira pautada na censura, na imposição, no impedimento do exercício da cidadania. Os militares que governaram o país por 21 anos impuseram uma disciplina rígida. Segundo Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (1975), “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1975, p.119). Portanto, a disciplina no regime militar resumia-se em aceitar o que fosse ético e moral e aquilo que não ameaçasse os bons costumes da nação. Quem seguisse as ordens dos Atos Institucionais não seria perseguido e “andar na linha” significava respeitar o governo.

A mensagem que circulava na sociedade é que as mudanças que ocorreriam no Brasil seriam para beneficiá-lo e a tentativa de se aproximar das massas era constante durante o Regime Militar:

Durante a ditadura, um dos elementos centrais de sua busca pelo reconhecimento era o empenho em atestar, a partir dos valores sociais, principalmente, que havia uma suposta identificação perfeita entre os militares no poder e o povo. O seu pretensão ideário de democracia situava-se constantemente diante do desafio de garantir para os diversos segmentos sociais que sua realização era possível tendo em vista que aqueles primeiros tinham os seus desejos, objetivos e interesses estritamente vinculados aos segundos. (REZENDE, 2001, p. 4).

Dessa forma percebemos os que estão no alto buscando aproximação com quem está sendo governado, tendo em vista que os movimentos sociais estavam sendo reprimidos e grande parte da população estava insatisfeita com as novas manobras políticas, econômicas e sociais.

A propaganda política relaciona-se aos valores éticos², por isso necessitava-se de um discurso político que mantivesse o controle ideológico da população, afetando, conseqüentemente, o senso crítico dos indivíduos. O Conselho Nacional de Propaganda³ surgiu para tornar público o progresso alcançado pelo governo e demonstrar que o povo poderia confiar no mesmo. Afinal, quem não fizesse isso, seria considerado comunista e deveria manter-se longe do país.

O governo ditatorial vigente lançou na sociedade as propagandas a fim de consolidar o sentimento ufanista na população. Sabendo que o ufanismo é uma “fonte de dominação e alienação por parte dos dominantes (os militares) em relação aos dominados (a população)” (ALMEIDA, 2008, p. 13), o objetivo dos militares era fazer brotar um amor incondicional pelo Brasil. A exemplo temos a Copa de 1970, no qual o Brasil foi campeão. O governo aproveitou-se do sentimento de felicidade que envolvia todos os brasileiros para desenvolver uma propaganda que relacionasse a vitória do Brasil ao progresso do mesmo. “*Pra frente, Brasil. Salve a seleção!*”.⁴ Assim fazia-se cantar o povo brasileiro envolvido em euforia.

À medida que o Regime Militar ditava regras de moral e conduta, a oposição surgia querendo ter espaço, querendo ser ouvido e ter vez. Queriam, portanto, exercer sua cidadania e serem reconhecidos.

² MONNERAT, Rosane Mauro. **A publicidade pelo avesso: propaganda e publicidade, ideologias e mitos e a expressão de ideias – o processo de críticas da palavra publicitária**, p 14.

³ CNP – criado em 2 de junho de 1964

⁴ Canção composta em 1970 por Miguel Gustavo para inspirar a seleção brasileira na Copa do Mundo Fifa de 1970.

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro. (CERTEAU, 1980, p 103-104).

Todas as ações cotidianas passaram a ser fiscalizadas. Falar, cantar, escrever. Tudo era pautado na censura, correndo o risco de punição. Pessoas eram presas para que revelassem onde seus parentes militantes estavam escondidos ou simplesmente para contarem quem era aquele personagem tão falado em músicas que artistas compunham, por exemplo.

Essa era uma das formas de resistência: transpor os sentimentos por meio da música. As músicas também eram censuradas e seus compositores eram perseguidos. Entretanto, suas ideologias não eram extintas e eles continuavam lutando pela volta da democracia. A solução encontrada foi as formas de endereçamento⁵, na qual o que parecia ser letra de amor na verdade deixava uma mensagem subjetiva de luta contra o regime ditatorial. Viver num país democrático nos faz lembrar daqueles que lutaram pela liberdade, sabendo que “a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade” (FOUCAULT, 2006, p. 267), tendo em vista que as práticas a favor da liberdade são necessárias para que nos libertemos totalmente da dominação dos nossos opressores.

Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força da proibição. (FOUCAULT, 1979, p 8).

O poder exercido pelos militares impunha medo, repressão e selecionava e torturava os subversivos. Era contra ser contra o falso progresso, a falsa felicidade. A indisciplina era punida e levava ao desaparecimento misterioso.

Sabendo da importância de tal temática para a construção social e moral de pessoas que hoje podem criticar esse episódio da história brasileira, foram realizadas atividades e reflexões a respeito do mesmo. O objetivo não é analisar apenas o que já foi realizado nas escolas com o auxílio do livro didático, mas sim refletir novas formas metodológicas para que a formação básica dos estudantes seja pautada no senso crítico e no conhecimento de mundo, tendo em vista que o historiador-professor será o responsável por aquilo que ele pega como fonte e a forma que ele irá abordar para alunos.

O USO DE IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

A questão estrutural da educação brasileira sofre com sérios problemas em relação às necessidades da população. Infelizmente, os alunos de algumas escolas não são tão beneficiados pelo fato de as mesmas não possuírem recursos que possibilitem uma aula mais dinâmica, além daquelas que o livro didático pode oferecer. É essencial que o professor utilize os livros em sala de aula, sobretudo para estimular a leitura, principalmente daqueles alunos que apresentam dificuldade na oralidade.

Os livros didáticos de História apresentam imagens que ilustram os temas propostos. O professor pode trabalhá-las em suas aulas para que as mesmas fiquem mais dinâmicas, porém é necessário que as imagens sejam compreendidas dentro dos parâmetros teóricos para que elas não sejam apresentadas de forma errônea.

Ao trabalhar o tema da Ditadura Militar no Colégio Estadual Severino Cabral, os alunos conseguiram a inserção no âmbito econômico, político e social da época por meio das imagens vistas, já que elas conseguiram expor a discussão trabalhada em sala. Os alunos

⁵ ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In **Nunca fomos tão humanos: nos rastros do sujeito**, p 8.

puderam reconhecer objetos, pessoas e lugares. As ideologias dos Integralistas e dos Aliancistas, por exemplo, puderam ser expostas. Os adolescentes conseguiram assemelhar a vida cotidiana do primeiro grupo às ideologias existentes na Europa anos antes, e essa observação foi possível por meio da análise dos uniformes utilizados, bem como símbolos e lema. À medida que os alunos tiveram contato com as imagens, eles foram desenvolvendo um senso crítico acerca do tema abordado, pois a teoria explanada começava a torna-se algo mais concreto a partir das ilustrações e os elementos que antes passavam despercebidos passaram a ser notados.

O período militar utilizou-se das imagens para que a mensagem chegasse de forma mais imediata e em grandes proporções às pessoas. As imagens retiradas do livro didático para abordagem em sala foram expostas de acordo com o tema retratado para que elas ganhassem sentido. Ou seja, a apresentação das imagens para o aluno apenas para estimular o visual não alcança o objetivo daquele que ilustrou. A necessidade de transmitir o assunto e ligá-lo ao significado das imagens torna-se interessante para aquele que assiste a aula.



A imagem ao lado trata-se de um cartaz de propaganda para divulgação do regime militar. A mesma encontra-se no livro didático utilizado pela Escola Severino Cabral e foi abordada pelos Pibidianos. Veiculada em 1969, a propaganda reflete o desejo dos militares de afirmar o país num momento progressista. A rosa desabrochando representa o auge do progresso do Brasil, seguido das cores do cartaz que deixam explícita a mensagem abordada pelo lema contido na imagem. As rosas deixam claro o objetivo de quem produziu a propaganda, mas a frase e as cores dão sentido maior ao verdadeiro significado.



Outra imagem abordada para os alunos foi o Slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”, representando o ufanismo exacerbado da população a favor do regime. Amar, segundo a mensagem, queria transmitir a ideia de aceitação das leis constitucionais do país, enquanto “deixei-o” foi o termo utilizado para aqueles contrários ao regime, que abandonassem o Brasil, caso assim fossem.

Em contraponto às propagandas do regime, as imagens contrárias ao mesmo também foram surgindo, apesar da censura imposta pela Ditadura. Ser contrário ao regime militar era sinônimo de terrorismo. Os jovens da década de 60 incorporaram um espírito de luta e o desejo de participar ativamente da história brasileira. Enquanto os militares os viam como marginais, lutar pela nação significava vencer a insegurança e o medo da morte. Ser revolucionário era ser herói. O corpo no chão na imagem abaixo foi mostrado em sala e provocou impacto, passando a mensagem de que lutar pelos seus direitos era um ato heroico.



O USO DE MÚSICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ao utilizar a música em sala de aula, pode-se partir da ideia de que a mesma é um documento histórico, podendo ser explorada pelo historiador. A compreensão dos alunos torna-se mais eficiente quando se aborda fontes que fazem parte da memória da população. A Escola dos Anales, a partir do século XX, põe fim à ideia de que documentos são apenas aqueles escritos. O historiador será o responsável por aquilo que ele pega como fonte e a forma que ele irá abordar para alunos, por exemplo.

Assim como no uso de imagens, para a utilização de músicas como fontes históricas, o professor tem que atentar para o real significado, levando em consideração que nem sempre o que é analisado condiz com a real intenção do compositor. As músicas como material didático em sala de aula descrevem os problemas sociais nos quais o autor está inserido.

Como forma de dinamizar as aulas de História, foi realizada uma oficina de músicas acerca do tema trabalhado em sala de aula sobre a Ditadura Militar. Os alunos foram estimulados a pesquisar em casa compositores e intérpretes que vivenciaram tal período brasileiro, chegando a serem censurados e exilados por se mostrarem contra as ideologias vigentes. Os alunos conseguiram observar as evidências do regime nas músicas, desenvolvendo um senso crítico que permitiu uma nova visão sobre acontecimentos históricos.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES – GERALDO VANDRÉ, 1968

Em um momento em que a tensão e o medo assolavam a sociedade, Geraldo Vandré⁶ lança a música “Pra não dizer que não falei das flores”. Inicialmente, a mesma retrata as passeatas realizadas pelos jovens que ambicionavam mudanças e melhores condições de vida, demonstrando que mesmo com ideologias diferentes, as pessoas eram iguais. Após o AI-5, a repressão foi agravada, aumentando o âmbito de ambientes ansiosos por mudanças. Professores, intelectuais, jornalistas, operários, todos eram censurados.

“Vem, vamos embora que esperar não é saber”. Nesse trecho o compositor tentou demonstrar que a mudança deveria ser feita com atitudes e não com a espera de dias melhores. Mesmo sendo atingidas por armas pela polícia, as pessoas saíam nas ruas cantando e desejando o fim da represália.

“E acreditam nas flores vencendo o canhão”. A representação das flores estava na força das vozes da população. Segundo a letra, nem todos os soldados estavam ali cientes e de acordo com o que estava acontecendo, mas seguiam as ordens de prender pessoas e jogá-las no DOPS. As lições ensinadas nos quartéis, segundo a música, eram aquelas de cumprir imposições de acordo com o sentimento ufanista de amor à pátria.

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

⁶ Nascido em João Pessoa-PB, foi um dos célebres artistas da música popular brasileira

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Mosca na Sopa – Raul Seixas, 1973

Raul Seixas⁷, em sua carreira solo, lança uma de suas primeiras músicas, sendo esta em oposição ao regime. Durante o período militar, as canções eram examinadas e iam ao público, se autorizadas. Os compositores buscavam uma forma de driblar a censura e deixar as mensagens subentendidas. “Mosca na Sopa” foi uma das músicas recheadas de mensagens nas entrelinhas. A mosca representa um inseto que incomoda, representa aqueles contra o regime militar e a sopa será as decisões e imposições do governo. A oposição à censura é declarada nos trechos “E não adianta vir me detetizar [...] Porque você mata uma e vem outra em meu lugar”. Segundo ele, nenhum método seria capaz de calar a voz dos oprimidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após, as aulas realizadas no colégio Estadual Severino Cabral, e, a partir da avaliação dos alunos acerca da didática efetivada, foi possível observar, o quanto o uso de imagens e músicas, como recursos metodológicos, é relevante para o ensino de História. Visto, que as fontes se apresentam como evidências de fatos históricos, o trabalho desenvolvido, através do uso de diferentes linguagens, portanto, gerou um reforço na concretização do aprendizado, bem como, propiciou uma maior sensibilidade em relação a construção de representações sociais dos alunos.

De acordo com Abud, os efeitos sociais da aprendizagem de história se resumem e se concretizam na consciência histórica. Para o autor:

⁷ Natural de Salvador, é considerado um dos pioneiros do rock brasileiro

A vivência cotidiana do aluno, seus contatos pessoais com familiares, amigos, as interações com a mídia levam-no a formular conceitos espontâneos que carecem de formas de explicitação a ser construídas no processo de aprendizagem formal. Nesse processo, os mesmos instrumentos que levam à construção dos conceitos espontâneos podem ser retomados para a caminhada em direção à construção dos conceitos científicos (ABUD, 2005, p. 312).

Nesse sentido, a utilização de imagens e músicas, em sala, auxiliou na construção do conhecimento histórico do aluno, resultando nos seguintes efeitos sociais, enumerados por Jean Peyrot (apud Moniot, 1993, p. 21):

- transmitir uma memória coletiva, revista e corrigida a cada geração, que coloca o aluno diante de uma consciência coletiva;
- formar a capacidade de julgar – comparando sociedades em épocas diferentes, e a existência delas ao mesmo tempo em locais diferentes – que tem como efeito social o desenvolvimento do espírito crítico e da tolerância;
- analisar uma situação – aprendendo a isolar os componentes e as relações de força de um acontecimento ou de uma situação – que leva ao refinamento do espírito, antídoto ao simplismo de pensamento;
- formar a consciência política como instrumento de coesão social, memória de um grupo que toma consciência de um destino comum.

Dessa forma, as análises realizadas, com a linguagem expressa, nas imagens e canções, utilizadas, se configuram como uma didática que foge ao convencional em sala de aula. “Seu propósito é auxiliar o aluno a construir o conhecimento histórico a partir de documentos diferenciados dos costumeiramente presentes nas aulas e, por isso, sua utilização está relacionada a propostas alternativas de organização de conteúdos” (ABUD, 2005, p.315).

Diante da estratégia de ensino empregada no Colégio Estadual Severino Cabral, se conclui que os alunos alcançados com tal metodologia, ao final das oficinas, tiveram o seu senso crítico aguçado, apresentando, portanto, uma compreensão histórica em relação aos processos sociais e obtendo, ainda, uma aproximação das pessoas que viveram no passado e de suas ideologias. Tal resultado foi observado mediante os discursos pronunciados pelos alunos no decorrer das aulas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lavoisier. **A Ideologia Ufanista do governo ditatorial de Médici em uma perspectiva marxista**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2008.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina. **Oficina de História**. 1. D. São Paulo: Leya, 2013.
DOMÈNECH, Miguel, Tirado, Francisco, Gómez, Lucia. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In **Nunca fomos Humanos. Nos rastros dos sujeitos**. Organização e tradução. Tomaz Tadeu da Silva...Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 15ª.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Política e Sexualidade: Ditos e escritos**. Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução - Roberto Machado .- Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

MONNERAT, Rosane Mauro. **A publicidade pelo avesso: propaganda e publicidade, ideologias e mitos e a expressão de idéias – o processo de críticas da palavra publicitária**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2003.

PAVIANI, Bruno; FERREIRA, Thaisa Lopes. **A música e a Ditadura Militar: como trabalhar com letras de músicas enquanto documento histórico**. In: História & Ensino. v 18. ano 2012. p. 111-130.

REZENDE, Maria José. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

SEIXAS, Raul. **Mosca na Sopa**.

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/mosca-na-sopa.html>

Acesso em: 16/05/2016, às 21:15

TEIXEIRA, Lays Honório. **Imagens da ditadura: fotografias, charges e cartazes do golpe civil-militar no livro didático de história**.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. Disponível em:

<http://www.vagalume.com.br/geraldo-vandre/pra-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores.html>.

Acesso em: 16 /05 /2016, às 20:30 horas.

REIS, José Carlos. **Escola dos Analles – A Inovação da História**. São Paulo. Paz e Terra, 2000.